



INTERVENÇÃO URBANA ESPAÇO DE IDEIAS

Carla Giacomini; Caroline Jacobs; Cristielli Gabriel; Danielle Cezar; Diogo Xavier; Duanny Alves; Emilly Pazinato; Gabriel Moreira; Henrique Rech; Lunara Caetano; Nathalia Nascimento; Schaiane Lopes; Taciane de Souza; Talires Tavares¹
Andressa Marina Mativi Rocha²

Resumo

Com o objetivo da reabilitação de espaços urbanos, o Laboratório de Urbanismo da ULBRA Campus Santa Maria, criou o "Espaço de Ideias", uma intervenção urbana em forma de "sala aberta" que convida a comunidade para participar de atividades e relatar quais as necessidades para a utilização dos espaços urbanos. Visando o impacto social e a relação multilateral com a comunidade da região, foi adotada como estudo de caso a praça Pedro Custódio Barbosa, localizada na Unidade Residencial Santa Marta. Os critérios para a escolha do recorte foram devido (i) a unidade residencial estar situada na periferia e próxima ao Campus, (ii) a falta de mobiliários urbanos essenciais e (iii) as atividades da associação comunitária estarem desativadas. Em junho de 2016, ocorreu a primeira intervenção, com exposição de trabalhos acadêmicos, aplicação de questionários aos moradores, varal e piquenique de ideias. O estudo, em fase de desenvolvimento, questiona: Como a praça de vizinhança é apreendida e vivenciada no bairro? Quais variáveis devem ser consideradas na reabilitação da praça para a promoção do uso social, senso de comunidade e minimização do vandalismo? Tem como objetivos: (i) analisar como a praça é apreendida e vivenciada pela comunidade considerando a percepção e o uso do lugar e (ii) identificar as variáveis físicas e simbólicas que devem ser consideradas na reabilitação da praça estudo de caso e em outras praças de vizinhança. Os principais resultados obtidos foram os relatos dos moradores sobre a ocorrência de vandalismo e comportamentos ilícitos que inibem o uso do lugar.

Palavras chave: praças de vizinhança; revitalização; percepção ambiental; placemaking.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é desenvolvido pelo projeto de extensão comunitário LabURB ULBRA - Laboratório de Urbanismo do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Campus Santa Maria. O estudo atua na área da Percepção Ambiental e aborda questões ligadas a qualidade e funcionalidade das praças de vizinhança, o comportamento e avaliação dos moradores do bairro em relação a praça estudo de caso Pedro Custódio Barbosa, localizada na Unidade Residencial Santa Marta, em Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Pesquisas (JACOBS, 1961; NEWMAN, 1972; WHYTE, 1980; HILLIER & HANSON, 1984, BENTLEY, 1985; CARR ET AL, 1992; GEHL, 2013) indicam que a

1 Alunos curso de Arquitetura e Urbanismo ULBRA, Campus Santa Maria.

2 Professora curso de Arquitetura e Urbanismo ULBRA, Campus Santa Maria – andressa_mmr@outlook.com.

qualidade física dos espaços urbanos influencia nas atividades e no comportamento das pessoas. Conforme Gehl (2013), essas atividades podem ser categorizadas de acordo com seu grau de necessidade: atividades necessárias (como ir trabalhar ou à escola), atividades opcionais (como sentar-se para apreciar a vista ou ler um livro) e as atividades sociais (todo tipo de interação social). Assim, o convite para uma atividade ao ar livre em praças e parques deve ir além de uma simples caminhada, deve fazer com que as pessoas permaneçam no lugar e interajam entre si. Segundo Jacobs (1961), a variedade de atividades disponibilizadas no lugar aumenta as opções de uso, atrai diferentes pessoas, em períodos diferentes e por motivos variados. Variedade esta que influencia na percepção de segurança, pois no momento em que várias pessoas, com diversos propósitos, saem às ruas em horários diversificados para as mais diferentes atividades, cria-se o que a autora denomina como “olhos nas ruas”, em que as atividades interagem entre si e complementam-se, formando uma teia de interação social e cuidados mútuos entre as pessoas. Além disso, de acordo com Whyte (1980), a presença de grupos de usuários vulneráveis ao crime e a violência, tais como, mulheres, idosos e crianças em espaços públicos, pode ser um indicativo de maior percepção de segurança das pessoas.

A reabilitação em espaços urbanos é uma estratégia de gestão urbana que pressupõe o estabelecimento de relações harmônicas entre usos existentes e novos, assegurando, ao mesmo tempo, e de maneira durável, a manutenção da estrutura urbana e, melhorando a qualidade de vida da população residente ou usuária e mantendo a identidade do lugar. As ações devem pressupor a negociação entre os diversos atores envolvidos (moradores, usuários, proprietários, investidores e poder público), bem como, a participação de todos no processo. Dentro desta perspectiva, o *Placemaking* é uma metodologia projetual de reabilitação, fundamentado na criação de espaços urbanos a partir da percepção das pessoas e é aplicado através de uma intervenção urbana temporária. A técnica é criação da *Project for Public Spaces* (PPS), uma organização sem fins lucrativos de Nova York, fundada em 1975, que atua no planejamento e concepção de espaços públicos, através da realização de intervenções urbanas, oficinas educativas e associações comunitárias.

As praças de vizinhança são espaços urbanos de pequeno porte que atendem um raio limitado de quadras e abrigam atividades relacionadas ao convívio e ao lazer cotidianos da comunidade local. Estudos (CARR et al, 1992; KAPLAN, 1988; LANG, 1988) revelam a influência positiva da inserção dos aspectos da paisagem natural nas cidades e os benefícios que proporcionam à qualidade de vida das pessoas. A presença de elementos naturais, como os presentes nas praças de vizinhança, possibilita aos moradores a oportunidade para sentar na grama e desfrutar da sombra de árvores.

Entretanto, a falta de comprometimento do poder público leva a uma desvalorização das praças de vizinhança, além do descuido com a infraestrutura, a falta de cuidado com o bem público por parte dos moradores, faz com que as reabilitações realizadas nessas áreas não tenham efeitos positivos a longo prazo. De acordo com Newman (1972), o conceito de “espaço defensível” surge no momento em que as pessoas só cuidam dos espaços que são percebidos como “seus” e aqueles espaços compartilhados com diversas famílias que não são “apropriados”, acabam sendo depredados.

Diante dos aspectos abordados, o estudo pretende responder as seguintes perguntas: Como a praça é apreendida e vivenciada no bairro? Quais variáveis devem ser consideradas na reabilitação da praça para a promoção do uso social, senso de comunidade e minimização do vandalismo? Além disso, ficam estabelecidos os seguintes objetivos: (i) analisar como a praça estudo de caso é apreendida e vivenciada pela comunidade considerando a percepção e o uso do lugar e (ii) identificar as variáveis físicas e simbólicas que devem ser consideradas na reabilitação da praça estudo de caso e em outras praças de vizinhança.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada, baseada em métodos e técnicas qualitativas e quantitativas, está sendo desenvolvida em forma de ateliê de projeto e dividida em etapas: levantamento (coleta de dados); diagnóstico (análise de dados) e proposição urbanística (resultados).

A etapa do levantamento consiste na pesquisa de (i) estudos de caso, (ii) levantamento histórico e físico do bairro (iii) aplicação de entrevistas de caráter exploratório com moradores que residem no local desde a implantação da unidade residencial.

A etapa do diagnóstico consiste nas análises de (i) elementos de desenho urbano, (ii) infraestrutura urbana e social do bairro, (iii) legislação urbanística aplicável, (iv) uso da praça e (v) aplicação de questionários aos moradores. O uso da praça foi analisado através da ferramenta “mapa comportamental”, uma técnica de observação desenvolvida por Proshansky; et al (1970) que consiste no registro, em planta baixa, dos comportamentos das pessoas no local onde acontecem, segundo categorias estabelecidas. Nesta etapa, também foi aplicada uma intervenção (Espaço de Ideias) baseada na técnica do *Placemaking*, com o intuito do primeiro contato e conversa com os moradores residentes do entorno da praça e aplicação dos questionários. Os resultados da etapa do diagnóstico identificam as principais forças, oportunidades, fraquezas e ameaças a serem consideradas no projeto de reabilitação da praça.

A etapa da proposição consiste (i) no anteprojeto, (ii) na realização de oficinas e intervenção com a comunidade, (iii) projeto de reabilitação e (iv) na confecção de um manual de boas práticas em projetos de reabilitação em praças de vizinhança a partir da experiência do LabURB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados a seguir apresentados consistem nos resultados obtidos nas etapas do levantamento e diagnóstico, entretanto, não consideram os resultados dos questionários.

Durante o Governo Militar (1964 - 1985), a cidade de Santa Maria foi beneficiada por grandes investimentos em habitação popular junto à Companhia de Habitação do Estado (COHAB-RS), financiadas pelo Banco Nacional da Habitação (BNH). Os empreendimentos realizados atenderam as famílias carentes contribuindo para a expansão urbana forçada da cidade, já que foram instalados em áreas onde não havia urbanização efetiva. Esta ocupação urbana segregada do sistema influenciou nas desigualdades sócio territoriais que ficam evidenciadas com o descaso do poder municipal com a manutenção dos espaços urbanos da periferia. Em 1979, foi construída a COHAB Santa Marta, para aproximadamente 900 habitações e na época da sua implantação não foram realizadas consultas públicas aos moradores sobre as infraestruturas instaladas. Atualmente, o bairro possui uma rede de infraestruturas urbana básicas (abastecimento de água, esgoto, energia elétrica, etc) e social deficitária (escola).

Nas entrevistas, constataram-se informações que ratificam os estudos de Newman (1972) sobre “espaço defensível”. Foi relatado pelos moradores que nos primeiros anos de existência da COHAB, as pessoas depositavam lixo nas praças e a manutenção era feita pela comunidade. Atualmente, o poder municipal é o responsável pela manutenção não periódica (cerca de 1 a 2 vezes por mês) do gramado e poda das árvores. Os moradores comentaram que as praças receberam novos equipamentos e mobiliários urbanos desde a inauguração da Unidade, porém, a maioria foi furtada ou vandalizada por residentes do bairro vizinho. A praça Pedro Custódio Barbosa está entre as praças e áreas verdes de 18 bairros e 04 distritos de Santa Maria que deverão receber neste ano, novos mobiliários urbanos, como brinquedos e bancos.

As observações comportamentais foram realizadas em dois dias, na quarta e sábado, nos dias 18 e 20 de maio, das 16 horas as 16:30 horas e foram agrupadas em um único mapa. A partir da análise dos mapas comportamentais constatou-se a presença de mulheres e homens de todas as faixas etárias, entretanto, somente as crianças e adolescentes interagem

entre si na quadra de esportes e os demais utilizavam a praça para travessia. Os resultados obtidos nos mapas comportamentais demonstram os apontamentos de Whyte (1980) quanto a percepção de segurança do lugar ser maior devido a presença de grupos de usuários vulneráveis ao crime e a violência, entretanto, verificou-se a baixa qualidade (JACOBS, 1961; GEHL, 2013) da praça através da pouca interação social entre os diferentes grupos de usuários e do uso do lugar estar mais associado a atividades necessárias.

A primeira intervenção “Espaço Ideias” foi realizada no dia 05 de junho de 2016, na praça Pedro Custódio Barbosa. A intervenção foi organizada em forma de “sala aberta” e convidou a comunidade do bairro para participar de atividades e relatar quais as necessidades para a utilização da praça. No evento ocorreu a exposição de trabalhos de urbanismo dos acadêmicos do Campus, aplicação de questionários aos moradores, varal e piquenique de ideias.

Portanto, a análise da vivência da praça foi constatada parcialmente pelos resultados obtidos dos mapas comportamentais e será concluída após a análise dos questionários, assim como, a apreensão e percepção dos moradores em relação a praça serão constadas através dos questionários. Quanto as variáveis físicas a serem consideradas no projeto da praça, as mesmas estão em fase de desenvolvimento pela equipe do laboratório. Quanto as variáveis simbólicas, a partir das conversas realizadas com os moradores no Espaço de Ideias, constatou-se que elas estão mais relacionadas a estímulos de natureza morfológico-imagética, quanto a ocorrência de vandalismo e comportamentos ilícitos na praça que inibem o uso do lugar.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto desenvolvido pelo LabURB ULBRA visa a contribuição para os debates no colóquio quanto a reabilitação de praças de vizinhança e a adoção de estratégias e processos capazes de gerar iniciativas, projetos e atuações de gestão coletiva do território, considerando referenciais mais humanos, como a percepção e comportamento das pessoas. O estudo demonstra que há uma lacuna entre a pesquisa no âmbito acadêmico na área Percepção Ambiental com a prática profissional no contexto brasileiro, situação que influencia na qualidade das praças de vizinhança oferecidas à população.

REFERÊNCIAS

- BENTLEY, I; et al. **Responsive Environments: a manual for designers**. London: Architectural Press, 1985.
- CARR, S; et al. **Public Space**. New York: Cambridge University Press, 1992.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HILLIER, B; HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

JACOBS, J. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Random House, 1961.

KAPLAN, S. Perception and landscape: conceptions and misconceptions. **In: Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. p.45 – 55.

LANG, J. Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda. **In: Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988.p. 11-26.

NEWMAN, O. **Defensible space. Crime prevention through urban design**. London: MacMillan, 1972.

PROSHANSKY, H.M; et al. The use of behavioral maps in environmental psychology. **In: Proshansky, H.M., Ittelson, W.H., Rivlin, L.G. Environmental Psychology: Man and His Physical Setting**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1970. p. 658–668

WHYTE, W. **The Social Life of Small Urban Spaces**. Washington: Conservation Foundation, 1980.